

Os dias da semana nas línguas românicas e germânicas: reflexões filológicas e lexicais

Days of the week in Romance and Germanic languages: philological and lexical discussions

Geraldo Jose Rodrigues Liska • Universidade Federal de Minas Gerais & Universidade Federal de Alfenas, Brasil • geliska@gmail.com

Wellington Ferreira Lima • Universidade Federal de Alfenas, Brasil • wellington.lima@unifal-mg.edu.br

Resumo

Neste trabalho, investigamos como foram formados os nomes dos dias da semana numa abordagem filológica e lexical nas línguas românicas e germânicas, a partir de pesquisas filológicas já realizadas (Boléo, 1941; Svobodová, 2012) e consulta a diversos dicionários e ferramentas de tradução (Bluteau, 1739; DPLP, 2020; Kroonen, 2013; Ørberg, 1998; Orel, 2003; Quicherat, s.d.; Roberts; KAY; Grundy, 2017). Na pesquisa, tivemos como suporte teórico os estudos sobre léxico e semântica de Abbade (2008), Bréal (1992), Ferrarezi Júnior (2010), Ferraz e Liska (2019), além de pesquisas com a relação entre léxico, cultura e cognição de Silva (2006; 2008). Observamos a singularidade da língua portuguesa em relação às demais línguas; não obstante, como demonstramos, todas tiveram influências religiosas que moldaram a visão de como o mundo era visto na época, seja pelo cristianismo ou por doutrinas conhecidas como pagãs. Isso é interessante quando temos em mente que, quanto mais compreendemos sobre a cognição humana, mais nos damos conta da importância dos processos linguísticos, tanto para a própria maneira de o homem ver, pensar e representar o mundo, quanto para a definição de sua própria humanidade.

Abstract

In this work, we investigate how the names of the days of the week were formed in a philological and lexical approach in the Romance and Germanic languages, based on philological research already carried out (Boléo, 1941; Svobodová, 2012) and consultation with several dictionaries and translation tools (Bluteau, 1739; DPLP, 2020; Kroonen, 2013; Ørberg, 1998; Orel, 2003; Quicherat, s.d.; Roberts; KAY; Grundy, 2017). In the research, we had as theoretical support the studies on lexicon and semantics by Abbade (2008), Bréal (1992), Ferrarezi Júnior (2010), Ferraz and Liska (2019), in addition to research on the relationship between lexicon, culture and cognition of Silva (2006; 2008). We observed the uniqueness of the Portuguese language in relation to the other languages; however, as we have shown, all had religious influences that shaped the view of how the world was seen at the time, either by Christianity or by doctrines known as pagan. This is interesting when we keep in mind that the more we understand about human cognition, the more we realize the importance of linguistic processes, both for man's own way of seeing, thinking and representing the world, and for the definition of his own humanity.

Palavras chave

Filologia • Léxico • Dias da semana • Cultura

Keywords

Philology • Lexicon • Days of the week • Culture

1. Introdução

Iniciamos nossa pesquisa pautando-nos dos dizeres de Abbade (2008) de que estudar o léxico de uma língua é seguir pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo. A autora afirma que o estudo lexical das línguas se faz importante para revelar segredos da história social e linguística em momentos específicos da história de cada comunidade. Ou seja, é, «consequentemente, um mergulho na história e cultura deste povo» (Abbade, 2008, p. 716).

Pensando nisso, podemos ter uma linha tênue entre Filologia, responsável pelo advento dos estudos linguísticos, a partir do século XIX, e Lexicologia. Esses estudos influenciaram gramáticos que procuravam definir os fatores constitutivos da linguagem e das línguas. Desse advento, conforme Abbade (2008), surge a Lexicologia, que estudava a língua analisando-se «o conteúdo lexical em elementos conceituais (sentido «básico» da palavra), funcionais (sentido «específico») e morfossintáticos (sentido «acidental»), e defendendo o aspecto formal e histórico da palavra, subordinados aos aspectos semântico e sociocultural» (Abbade, 2008, p. 716).

Neste trabalho, focamos nos elementos conceituais a fim de investigar um sentido básico que os dias da semana tiveram ao longo de gerações, a partir de pesquisas filológicas já realizadas e consulta a diversos dicionários e ferramentas de tradução. Abordaremos a origem da palavra ‘semana’ e como os nomes dos seus dias foram constituídos na língua portuguesa.

Em seguida, considerando ser o português fruto da família linguística românica, pesquisamos como são denominados os dias em outras línguas pertencentes a essa família. Ao observarmos a forte influência religiosa (seja monoteísta ou politeísta) na formação desses nomes e, sobretudo, na visão cultural dos povos da época, estendemos nossa pesquisa às línguas germânicas.

Como resultado, observamos a singularidade da língua portuguesa em relação às demais línguas, embora, como demonstraremos, todas tiveram influências religiosas que moldaram a visão de como o mundo era visto na época, seja pelo cristianismo ou por doutrinas conhecidas como pagãs.

2. Considerações sobre língua e cultura

Biderman (1978) aponta que o léxico de uma língua é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Quando tratamos de uma língua natural, Ferrarezi Júnior (2010) explica que estamos diante de «um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos» (Ferrarezi Júnior, 2010, p. 12).

Concordamos então com Ferrarezi Júnior (2010) ao defender que a língua se constitui, se constrói, funciona e interfere em nossa própria visão do mundo na medida em que precisamos representar com ela as coisas que nos cercam, ou seja, os nossos mundos (tanto aquele em que vivemos – da forma que o vemos – como aqueles que podemos imaginar). E, por isso, uma língua precisa ser entendida como um sistema

aberto, que se alimenta e se retroalimenta da própria relação do homem com esses mesmos mundos.

Como defende Silva (2008), as estruturas linguísticas exprimem conceptualizações, e as conceptualizações realizadas na e através da linguagem estão intrinsecamente relacionadas com o modo como os seres humanos experienciam a realidade, tanto fisiológica como culturalmente.

Logo, a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas em todas as situações imagináveis (Ferrarezi Júnior, 2010). Mas deve-se notar que a língua também é uma construção humana e, por isso, faz parte da cultura. No entanto, ao mesmo tempo em que faz parte de uma cultura, a língua ajuda a construí-la. Trata-se de uma relação indissociável em três níveis (no mínimo), uma interinfluência: nosso pensamento, nossa cultura já estabelecida e a língua que falamos, em que todos os elementos influenciam e alimentam os demais enquanto se retroalimentam.

3. Origem da palavra ‘semana’

Conforme Svobodová (2012), a palavra ‘septimana’ é de origem latina e foi introduzida pelo latim eclesiástico nos fins do século IV. O sentido da palavra se relacionava ao que era ‘marcado pelo número 7’. Naquela época, as civilizações já tinham a necessidade de contar o tempo em intervalos maiores que um dia, para poder marcar a periodicidade de eventos e acontecimentos religiosos.

Svobodová (2012) explica que o sistema de sete dias foi desenvolvido pelos caldeus, povo que vivia originalmente ao sul da Babilônia, e também foi conhecido pelos hebreus, que iniciavam a semana pelo sabbato (o sabbat ou shabbat era o dia de descanso do Senhor, antecedido pelos seis dias da Criação¹).

Hoje, o sábado é o último dia do calendário semanal. Ainda de acordo com Svobodová (2012), os hebreus que viviam em Roma denominavam o ‘dies Solis’ (dia do Sol) por ‘una/prima sabbati’ (primeiro dia de descanso) e os outros dias foram denominados ‘secunda sabbati’ (segundo dia de descanso) a ‘sexta sabbati’ (sexto dia de descanso).

Outro pesquisador, Manuel de Paiva Boléo (1941), um dos mais importantes linguistas portugueses do século XX, também defende a conservação do sistema com «feira» pela influência hebraica, por meio do «sabbati».

Com o Cristianismo, em 189 d.C. o dia de descanso foi mudado para o domingo, por influência do Papa Vítor I, em homenagem à ressurreição de Cristo. Essa decisão interferiu na mudança do nome de ‘Dies Solis’ (Dia do Sol) para ‘Dominica/Dies Domini ou Dies Dominicus’ (Dia do Senhor). O calendário judaico foi aproveitado então pela Igreja Católica com a introdução da palavra ‘Dominica’, que se opunha a ‘feria’.

Em seguida, o primeiro dia da semana ficou conhecido como ‘prima feria’, quando os novos cristãos se uniam em missas e nos mercados. O primeiro sentido da palavra

¹ Grafamos as palavras ‘Senhor’ e ‘Criação’ (criação do mundo) com iniciais maiúsculas conforme os textos religiosos as registram. Não fazemos aqui qualquer juízo de valor sobre um ou outro credo.

‘feria’ era o dia festivo em que se organizavam festas, feiras e mercados em torno das igrejas.

Surgiu então a designação de ‘feria’ para cada dia da semana ‘feriada’ após o domingo de Páscoa. No latim tardio passou a indicar a própria feira, o mercado. Desse sentido evoluíram as ‘férias’ e o ‘feriado’. Demonstraremos com mais detalhes essa transformação na próxima seção.

4. Origem dos nomes dos dias da semana

Svobodová (2012) explica que Martinho de Braga (ou Martinho Bracaraense), bispo de Braga e de Dume, tratado como santo pela Igreja Católica, considerava indigno que os cristãos continuassem a chamar os dias da semana pelos nomes latinos pagãos de Dies Lunae (dia da Lua, ou Diana, na mitologia romana, ou Ártemis, na mitologia grega), Dies Martis (dia de Marte, ou Ares, na mitologia grega), Dies Mercurii (dia de Mercúrio, ou Hermes, na mitologia grega), Dies Jovis (dia de Júpiter, ou Zeus, na mitologia grega), Dies Veneris (dia de Vênus, ou Afrodite, na mitologia grega), Dies Saturni (dia de Saturno, ou Cronos, na mitologia grega) e Dies Solis (dia do Sol, ou Hélios/Apolo, na mitologia grega), fazendo valer a terminologia eclesiástica (Feria secunda, Feria tertia, Feria quarta, Feria quinta, Feria sexta, Sabbatum, Dominica ou Dies Dominicus).

Levando em consideração que cada dia recebeu o nome de um deus romano, e esse nome também foi dado aos planetas, Sagan (1996), em questões voltadas à Astronomia, adverte que na época poderia ter denominado os dias pela hierarquia do brilho dos corpos astronômicos correspondentes – o Sol, a Lua, Vênus, Júpiter, Marte, Saturno e Mercúrio (e assim teríamos, Solis, Lunae, Veneris, Jovis, Martis, Saturni e Mercurii), o que não foi feito. Além disso, explica que, se os dias da semana tivessem sido ordenados pela distância do Sol, a sequência seria Solis, Mercurii, Veneris, Lunae, Martis, Jovis e Saturni.

O problema é que não se sabia a ordem dos planetas na época em que foram nomeados os planetas, os deuses e os dias da semana. Sagan (1996) conclui: «essa coleção de sete deuses, sete dias e sete mundos – o Sol, a Lua e cinco planetas errantes – entrou nas mentes das pessoas em todo o mundo. O número sete começou a adquirir conotações sobrenaturais» (Sagan, 1996, p.78). Sagan explica ainda que essa delimitação de sete dias não tem importância astronômica intrínseca, diferente de dias, meses e anos.

Por outro lado, Porto & Porto (2008) explicam que o sistema planetário antigo é Aristotélico e coloca a terra no centro. A cosmologia de Aristóteles permaneceu como único pensamento sistemático do século IV a.C. até o século XVI d.C.. A ordem dos astros foi estabelecida supondo-se que, quanto mais tempo o astro levava para dar uma volta em torno da Terra, mais distante ele deveria estar do centro. Com os conhecimentos da época, essa ordem era: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Os planetas Urano, Netuno e Plutão não tinham ainda sido descobertos por não serem visíveis a olho nu (SIAE98-USP, 2000).

Além do questionamento astronômico feito por Sagan, Boléo (1941) relatou que o problema da conservação do sistema enumerativo dos dias da semana tem sido objeto

de interesse de vários romanistas, trazendo contribuições de ordem histórica, linguística e religiosa. Porém, um resultado decisivo ainda não foi encontrado.

O pesquisador enumera várias hipóteses para a junção de «feira» aos dias da semana: porque os portugueses são mais católicos ou receberam maior influência das autoridades da Igreja, ou são mais conservadores, ou a língua ter-se formado num centro, situado mais ao sul, que as demais e onde a influência moura teria sido acentuada.

Em Portugal, ainda resiste a referência da semana «feriada» à semana a seguir ao domingo de Páscoa, assim como qualquer situação temporal em que não se trabalhe. Igualmente, com a palavra 'feria' se designa, na classe trabalhadora, o vencimento total da semana de trabalho.

Na obra, Boléo (1941) refuta a afirmação do Giese (1939), da Universidade de Hamburgo, de que os nomes se constituíram por influência dos mouros que viviam extramuros da cidade de Lisboa, devido às relações comerciais que mantinham com a capital. Os mouros faziam designação dos dias pelo sistema enumerativo junto à palavra: «segundo dia», «terceiro dia», por exemplo, o que corresponderia ao português, «segunda-feira» etc.

Ele explica a conservação do sistema com «feira» pela influência hebraica, por meio do sabbat (palavra que significava, além de descanso, também semana). O calendário judaico foi aproveitado pela Igreja, introduzindo a palavra 'Dominica', que se opunha a 'feira'.

Para contestar a origem moura defendida por Giese (1939), Boléo (1941) explica que a influência muçulmana foi mais forte e prolongada e mesmo assim em Lisboa não se manteve o sistema enumerativo com «feira», embora tenha sido usado durante algum tempo, como comprovam documentos da primeira metade do século XII, mas posteriormente dando lugar ao sistema pagão utilizado até hoje.

Boléo apresenta um estudo da forma de datar os dias do mês em toda a Península, Ibérica, consultando documentos de Portugal, Galícia e Espanha, e concluindo por afirmar que a situação foi a mesma em toda a península: ou por calendas (períodos separados pela ocorrência da Lua nova), ou por dias seguidos, ou por dias santos. Para reforçar ainda mais, os mouros perderam em influência desde a reconquista de Lisboa, o que mais realçou a singularidade do português na designação dos dias da semana e a sua independência dos processos mouros.

Percebemos a preocupação de Boléo ao dar uma explicação com fundamentação histórica, cultural, religiosa e linguística, além de ser cuidadosamente documentada. Evidencia-se que o motivo da conservação do sistema enumerativo português com «feira», que difere de todos os das demais línguas românicas, seja a característica mais conservadora e religiosa do povo português, a par mesmo de uma mais forte autoridade da Igreja. Ressaltamos que isso se trata de uma hipótese, pois não encontramos meios de comprovar cientificamente o maior conservadorismo ou a maior religiosidade dos portugueses.

5. Comparações entre as línguas germânicas e românicas

Elaboramos o seguinte quadro com os dias da semana em várias línguas românicas para verificarmos a proximidade das lexias em cada língua de acordo com a divindade correspondente:

Português	Espanhol	Italiano	Francês	Romeno	Catalão	Galego	Latim	Deus Romano
domingo	domingo	domenica	dimanche	duminică	diumenge	domingo	Dies Solis	Sol
segunda-feira	lunes	lunedì	lundi	luni	dilluns	luns	Dies Lunae	Lua
terça-feira	martes	martedì	mardi	marți	dimarts	martes	Dies Martis	Marte
quarta-feira	miércoles	mercoledì	mercredi	miercuri	dimecres	mércores	Dies Mercurii	Mercúrio
quinta-feira	jueves	giovedì	jeudi	joi	dijous	xoves	Dies Iovis	Júpiter
sexta-feira	viernes	venerdì	vendredi	vîneri	divendres	venres	Dies Veneris	Vênus
sábado	sábado	sabato	samedi	sâmbătă	dissabte	sábado	Dies Saturni	Saturno

Quadro 1 – Nomes dos dias da semana em diferentes línguas românicas
(Fonte: do autor, com exceção do Latim [Ørberg, 1998; Quicherat, s.d.]])

Como podemos perceber, os nomes dos dias da semana em várias línguas românicas mantiveram formas semelhantes, tanto com as respectivas divindades homenageadas, quanto ao ‘domingo’ e ao ‘sábado’, que, como já explicamos, correspondem ao ‘dia do Senhor’ e ao ‘dia do descanso’, por influência judaica e cristã.

O *Diccionario da Lingua Portuguesa* (Bluteau, 1739), que introduziu o legado de Rafael Bluteau na história da língua e da lexicografia portuguesas, define a ‘feira’ como ‘o lugar onde em certos dias semanais, mensais ou anuais concorrem mercadores e lavradores a vender os produtos da terra, das artes e mecânicas’. Também diz que o vocábulo se junta aos dias da semana, exceto sábados e domingos, mas não explica o porquê de isso ter acontecido.

FEIRA, f. f. lugar, onde em certos dias semanais, mensais, ou de anno a anno concorrem tratantes, mercadores, e lavradores a vender os productos da terra, e das artes, e mechanicas. § Feira, ajunta-se aos nomes dos dias da semana, exceptos o sabbado, e domingo v. g. ,, segunda feira, terça, quarta—, &c.

Figura 1 – Verbetes ‘feira’ no *Diccionario da Lingua Portuguesa*
(Fonte: Bluteau, 1739, p. 605)

Na explicação de Svobodová (2012), houve uma segunda acepção, em que a palavra 'feira' passa a designar, entre os primeiros cristãos, os dias de trabalho, os dias úteis. Assim, na tentativa de eliminar os dias da semana pagãos, passou a assumir praticamente o significado de 'dia'. Com isso, 'ferialis' passou a significar 'de trabalho/laboral'.

Boléo (1941), seguindo a mesma ideia, explica que, em Portugal, dia e semana «feriados» são medidas de tempo cuja principal característica é a ausência de trabalho por razões mais importantes que se possam supor e a palavra «feria» se designa, na classe trabalhadora, o vencimento total da semana de trabalho. Realmente, são as definições com as quais nos deparamos ao consultar o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (DPLP, 2020):

fe·ri·a·do

adjetivo 1. Diz-se do dia em que se suspende o trabalho e as aulas, por prescrição civil ou religiosa.

substantivo masculino 2. Dia feriado.

fé·ri·a

(latim *feria*, -ae, singular de *feriae*, -arum, dias de descanso, dias feriados, férias)

substantivo feminino 1. Salário diário. 2. Soma dos salários de uma semana ou de uma quinzena. 3. Rol semanal ou quinzenal de salários. (Também se diz folha de férias.) 4. [Pouco usado] Dia da semana.

É interessante observar que o DPLP traz como primeira e segunda acepções de 'féria' a remuneração diária e a soma semanal ou quinzenal das remunerações, respectivamente; porém, ao explicar a origem do termo latino, traz uma acepção totalmente diferente: 'dias de descanso'.

Quando nos deparamos com essa explicação, lembramo-nos de que, nos estudos semânticos, os processos de formação de palavras podem se dar pelo fenômeno da polissemia. Quanto mais uma palavra acumula significações, mais devemos supor que ela apresente aspectos da atividade intelectual e social, segundo Bréal (1992).

Salientamos (Ferraz & Liska, 2019) que o contexto de uso é um fator desencadeador da polissemia e, para certas lexias, somente tal contexto é que realmente aponta a variação de sentidos. Ou seja, enquanto percebemos, em muitas lexias, a variação de sentidos já estabelecida, para outras, essa variação é imprevisível, ficando o sentido a depender da relação entre as lexias no contexto em que ocorrem.

Essa variação de sentidos que uma palavra pode ter é fruto de extensões semânticas. Um dos fatores que provocam essas extensões, segundo Silva (2006), é a motivação experiencial e cultural.

Por razões semânticas, à primeira vista, é complicado explicar como uma palavra que designa o dia de descanso passaria a significar o dia de trabalho, seja por extensões metafóricas ou metonímicas do sentido das palavras (por similaridade ou por contiguidade, respectivamente), ou especialização ou generalização de sentidos. Isso deixa opaca a motivação que deu origem à segunda acepção apresentada por Svobodová (2012).

Quando os dias festivos em que se organizavam feiras e mercados passam a indicar a própria feira ou o mercado, temos uma motivação metafórica e metonímica em jogo. Nesse sentido, frisamos o que Silva (2006) afirma sobre a corporização da metáfora ao conduzir o reconhecimento de significados universais, lembrando ainda que a compreensão metafórica de determinado domínio-alvo (no caso, do ‘dia’ pela ‘feira’) evidencia também variação cultural e histórica.

Pensando nisso e vendo que o DPLP traz como acepção para ‘féria’, embora pouco usada, a expressão ‘dia da semana’, podemos supor que a parte diária que cabia ao trabalhador como recompensa pelo serviço prestado, acabou se estendendo, por metonímia, ao próprio dia de trabalho. O próprio conceito de ‘dies’ (dia) surgiu dessa forma, que até então era compreendido como o espaço de tempo desde o nascer até o pôr do sol, em oposição à ‘nox, noctis’ (noite), para posteriormente se referir ao próprio período de vinte e quatro horas, conforme verbetes consultados em Ørberg (1998) e Quicherat (s. d.).

Outra hipótese seria a ideia de «a partir de», como no caso do sabatti: ‘secunda sabatti’ é o dia imediatamente posterior ao sábado. O mesmo valeria então para ‘segunda feira’, que é o dia imediatamente posterior ao dia de folga (dominicus). Seria apenas uma forma de contagem, lembrando que o sistema de contagem também tem origem romana.

Em seguida, apresentamos um quadro com os dias da semana em várias línguas germânicas com a respectiva divindade homenageada:

Inglês	Alemão	Norueguês e Dinamarquês	Sueco	Islandês	Finlandês	Proto-germânico	Inglês antigo (anglo-saxão)	Deus nórdico
Sunday	Sonntag	Søndag	Söndag	Sunnudag	Sunnuntai	Sunnōniz dazaz	Sunnandæg	
Monday	Montag	Mandag	Måndag	Mánudag	Maanantai	Mēnan dazaz	Mōnandæg	
Tuesday	Dienstag	Tirsdag	Tisdag	Þriðjudag	Tiistai	Tīwas dazaz	Tīwesdæg	Tyr
Wednesday	Mittwoch	Onsdag	Onsdag	Miðvikudag	Keskiviikko	Wōdanas dazaz	Wōdnesdæg	Odin
Thursday	Donnerstag	Torsdag	Torsdag	Fimmtudag	Torstai	Þunras dazaz	Þunresdæg	Thor
Friday	Freitag	Fredag	Fredag	Föstudag	Perjantai	Frijjōz dazaz	Frīgedæg	Frigg
Saturday	Samstag	Lørdag	Lördag	Laugardag	Lauantai	Sætern dazaz	Sætendæg	

Quadro 2 – Nomes dos dias da semana em diferentes línguas germânicas

(Fonte: do autor, com exceção do Proto-germânico [Kroonen, 2013; Orel, 2003] e Inglês antigo [Roberts; Kay; Grundy, 2017]).

No inglês, os dias receberam nomes dos deuses dos saxões (germânicos) e comunidades celtas da Bretanha. Oliveira (2019) esclarece que esses povos adaptaram o sistema introduzido pelos romanos substituindo as divindades germânicas pelas romanas, mas tendo entre elas ainda alguma relação. Por exemplo: ‘Tuesday’ (terça-feira) vem de ‘Tiw’s Day’, referindo-se a Týr, deus nórdico da guerra. Na mitologia grega,

o deus da guerra é Ares, a quem os romanos se referiam como Marte. ‘Dies Martis’, como já explicamos, é o dia de Marte e, assim como o dia de Týr, ambos são divindades da guerra e representam o mesmo dia da semana. Ainda de acordo com Oliveira (2019), esse processo deve ter ocorrido antes da introdução do Cristianismo (séculos VII e VIII).

Sucessivamente, no inglês: ‘Sunday’ (domingo) equivale a «Sun’s Day», «dia do Sol»; ‘Monday’ (segunda-feira) equivale a «Moon’s Day», «dia da Lua». E ‘Tuesday’ já explicamos no parágrafo anterior.

‘Wednesday’ (quarta-feira) é equivalente ao dia do deus germânico Woden (conhecido como Odin), vagamente relacionado ao correspondente latino dies Mercurii, «Dia de Mercúrio».

Thursday (quinta-feira) é a forma para «Thor’s Day», deus do trovão, relacionado ao latim Iovis (Júpiter), deus do céu e do trovão para os povos romanos (‘Zeus’ na mitologia grega).

Friday (sexta-feira) é equivalente a «Frīg’s Day», significando o dia da deusa anglo-saxônica Frīg. O termo nórdico para designar o planeta Vênus era Friggjarstjarna (ou ‘Frīg’s star’). No latim, corresponde ao dies Veneris, ‘dia de Vênus’. Frīg (também associada a ‘Freya’) é a divindade do amor, da fertilidade e da beleza, ambas características de Vênus (na mitologia romana) e Afrodite (na mitologia grega).

Saturday (sábado) foi o único termo em que não houve substituição das divindades românicas pelas germânicas. Literalmente, significa «dia de Saturno». Não teve origem através dos Vikings, mas sim do latim «dies Saturni».

Como explica Oliveira (2019), o Anglo-Saxão foi levado às Ilhas Britânicas pelas tribos germânicas. Com isso, durante os primeiros séculos da Era Cristã, começava a se formar um dialeto distinto do protogermânico, assim como aconteceu com a formação do baixo alemão.

É curioso destacar que, no islandês, no alemão e no finlandês, respectivamente, as palavras ‘Miðvikur’, ‘Mittwoch’ e ‘keskiviikko’ significam ‘meio da semana’. Situação semelhante acontece no italiano antigo, que tinha também a palavra «mezzadima», isto é, ‘meio da semana’, para designar a quarta-feira. Portanto, aos poucos foi-se criando um termo desassociado da motivação religiosa.

6. Considerações finais

Tentamos, neste trabalho, focar em alguns elementos conceituais a fim de investigar um sentido básico que os dias da semana tiveram ao longo de gerações, a partir de pesquisas filológicas já realizadas e consulta a diversos dicionários e ferramentas de tradução.

Observamos uma forte influência religiosa (seja monoteísta ou politeísta) na formação desses nomes e, sobretudo, na visão cultural dos povos da época. Observamos a singularidade da língua portuguesa em relação às demais línguas, mas demonstramos que todas tiveram suas influências religiosas, seja pelo cristianismo ou por doutrinas conhecidas como pagãs.

Isso é interessante quando temos em mente que, quanto mais compreendemos sobre a cognição humana, mais nos damos conta da importância dos processos

linguísticos, tanto para a própria maneira de o homem ver, pensar e representar o mundo, quanto para a definição de sua própria humanidade. Essa capacidade é, segundo Ferrarezi Júnior (2010), também, um elemento diferenciador singular das línguas naturais em relação às linguagens artificiais, como as dos computadores, o que dá uma dimensão da importância desses fenômenos em um sistema linguístico qualquer.

Referências bibliográficas

- Abbade, C. M. S. (2008). *Filologia e o Estudo do Léxico*. In Magalhães, J. S. e Travaglia, C. (orgs.). *Múltiplas perspectivas em Linguística* (pp. 716-721). Uberlândia: EDUFU.
- Biderman, M. T. C. (1978). *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC.
- Boléo, M. de P. (1941). *Os nomes dos dias da semana em português*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Bréal, M. (1992). *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Tradução: Aída Ferrás et al. São Paulo: Pontes/Educ.
- Ferrarezi Júnior, C. (2010). *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras.
- Ferraz, A. P. & Liska, G. J. R. (2019). Processos semânticos de formação de palavras: uma abordagem pedagógica. In Daruj Gil, B. et al. (Org.). *Saberes lexicais*, 1ª ed., v. 1, p. 151-164. São Paulo: FFLCH/USP.
- Giese, W. (1939). Segunda feira, etc. *Boletim de Filologia*, VI, 197-203. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Oliveira, J. B. de. (2019). A influência do nórdico antigo no inglês moderno. In *XXIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF*, XXIII(3), 47-55. Rio de Janeiro: CiFEFiL.
- Porto, C. M. & Porto, M. B. D. S. M. (2008). A evolução do pensamento cosmológico e o nascimento da ciência moderna. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, 30(4), 4601.1-4601.9.
- Sagan, C. (1996). *Pálido ponto azul*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SIAE98-USP (2000). *Concepções antigas sobre a estrutura do mundo. Projeto Investigando a Terra 2000*. Instituto Astronômico e Geográfico da Universidade de São Paulo. IAG-USP: São Paulo. Disponível em <https://www.iag.usp.br/siae98/astroleis/mundo.htm#:~:text=Com%20os%20conhecimentos%20da%20C3%A9poca,serem%20vis%C3%ADveis%20a%20olho%20nu>. Acesso em 15 nov. 2020.
- Silva, A. S. (2008). Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, 16(1), 49-81.
- Silva, A. S. (2006). *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.
- Svobodová, I. (2012). Abordagem histórica dos nomes dos dias da semana (análise sintático-semântica). In Žitná, J., *Segundas jornadas de estudos românicos: novos modelos e teorias e sua aplicação na linguística, literatura e didática: secção de Lusitanística*. Bratislava: AnaPress.

Dicionários consultados

- Bluteau, R. (1739). *Dicionário da língua portuguesa*. Ampl. Antônio de Moraes. Lisboa: Oficina de Thadeo Ferreira.
- DPLP (2008-2020). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Priberam Informática, S.A. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em 06 abr. 2020.
- Kroonen, G. (2013). *Etymological dictionary of Proto-Germanic*. Leiden/Boston: Brill.
- Ørberg, H. H. (1998). *Latin-English Vocabulary II*. Focus Publishing: Newburyport-MA.
- Orel, V. A (2003). *Handbook of Germanic etymology*. Leiden/Boston: Brill.

Quicherat, L. et al. (s.d.). *Novissimo dictionario latino-portuguez: etymologico, prosodico, historico, geographico, mythologico, biographico, etc. no qual aproveitados os trabalhos de philologia e lexicographia mais recentes* (v. 1), 7^a ed. Rio de Janeiro, Garnier.

Roberts, J. Et al. (2017). *A Thesaurus of Old English*. Glasgow: University of Glasgow. Disponível em <http://oldenglishthesaurus.arts.gla.ac.uk/>. Acesso em 01 abr. 2020.